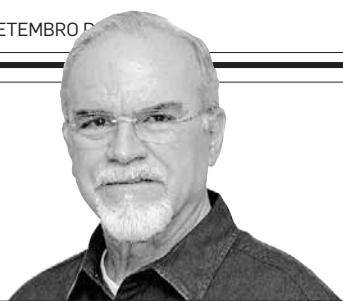


ROBERTO DAMATTA

SEGUNDA-FEIRA
LÚCIA GUIMARÃES
MATTHEW SHIRTSTERÇA-FEIRA
ARNALDO JABORQUARTA-FEIRA
ROBERTO DAMATTAQUINTA-FEIRA
LUIS FERNANDO
VERISSIMOSEXTA-FEIRA
IGNÁCIO DE LOYOLA
BRANDÃO
MILTON HATOUMSÁBADO
MARCELO RUBENS
PAIVA
MARIA RITA KEHLDOMINGO
LUIS FERNANDO
VERISSIMO
JOÃO UBALDO RIBEIRO
DANIEL PIZA

Entre fraldas e fraudes

Quando virei avô, um papel social para o qual eu contribuí apenas indiretamente, pois como sabe o óbvio mais ululante quem faz os netos são os nossos filhos, entendi a força daquilo que chamamos de “graça”. A graça de ter uma filhinha e dois filhos que repetiam o lado mais humildemente humano do meu trajeto, correndo o risco de gerar filhos e, mais que isso, de honrá-los neste mundo; a graça de viver o papel de “pai com açúcar” ou de ser “pai duas vezes” porque os elos entre os avós e os netos têm aquela mesma obliquidade ou distância da dos tios: eles passam por uma outra pessoal, são sempre indiretos. Por isso, permitem o resgate de uma igualdade insuspeita, marcada por uma liberdade graciosa e, às vezes, repleta de humor, que permite falar com os netos sobre coisas impossíveis de serem tocadas com os filhos. Outro dia, perguntei ao meu neto mais velho, Samuel, se ele estava amando muito. Ouvi um bom e sonoro sim como resposta e, em seguida, a pergunta inesperada que só ocorre entre iguais: e você vovô, como vai de vida amorosa?

Bill Cosby, um genial comediante americano negro, contava como, aos 10 anos, foi visitar o avô que, engravatado, lhe ofereceu uma cerveja, deu-lhe um charuto, sentou-o numa confortável cadeira de balanço e, em seguida, perguntou-lhe sobre o que ele achava da política do Partido Democrata. Cosby discutia política nacional dando gostosas bafuradas com o pai do seu pai, quando o genitor chegou e liquidou a farra de uma igualdade que só pode existir entre as gerações alternadas, como sabiam os antropólogos da minha tribo. Os laços entre pais e filhos contêm uma rígida autoridade que se alterna e compensa pelo tratamento chistoso e livre entre avós (ou tios) e netos (e sobrinhos), esses papéis que eram semelhantes em Roma e em muitos outros sistemas de família e parentesco.

★★★

Podemos ser fraudes como genitores, mas é impossível fraudar o papel de avô. Num caso, exige-se muito; noutro, a fraude é substituída pelas fraldas. Ora, fraudar é mais do que mentir: é criar ilusões, é inventar competências, é encobrir malfeitos com imagens e propaganda enganosa. Fraldar, porém, diz respeito a fazer exatamente o oposto.

Trata-se de vestir o infante, dando-lhe aquela primeira tintura de um traço que temos como básico na nossa sociedade: a diferença essencial entre o sujo e o limpo. Se as regras forem realmente honradas, as fraudes devem ser punidas; fraldas, entretanto, são jogadas fora. Mas tanto a fralda quanto a fraude implicam alguma “sujeira”, no sentido popular do termo. Fraudes remetem a falcatruas e hipocrisias (por exemplo: eu falo que vou fazer isso ou aquilo só

Outro dia, perguntei ao meu neto mais velho, Samuel, se ele estava amando muito

para ter votos); fraldas têm tudo a ver com mamadas e banhos que fazem crescer. Ademais, elas limpam e separam o sujo do limpo. Entende-se, portanto, o ato falho auditivo da candidata Dilma quando, ao ser indagada sobre “fraldas”, entendeu que era questionada sobre “fraudes”. Estas mal traçadas sobre o que significa ser avô ou avó, esses papéis nos quais – dizem – o sexo e a sexualidade não têm mais importância, talvez ajudem a compreender a falha da audição de uma candidata tão

preocupada em pretender ser o que obviamente não é; que a fralda da avó se confunde com a fraude tão comum na política do partido que ela representa.

★★★

Um dia eu escrevi um texto teorizando sobre o “voto amigo”, no qual justificava por que não ia votar motivado ideologicamente, mas por simpatia pessoal. A nota, que foi recebida furiosamente por uma esquerda que sempre espuma de ódio com os outros, mas vive debaixo de uma ética de condescendência consigo mesma, foi escrita com o intuito de politizar os elos pessoais. Os laços de amizade e reciprocidade que até hoje nos obrigam a escolher mais pessoas amigas do que representantes de posicionamentos políticos ou movimentos sociais como motivos para o voto. Se tudo – inclusive e, sobretudo, o sexo – é política, como me ensinava um professor ativista nos idos de 1960, então por que os amigos não são também “politi-záveis” e, assim assumidos, transformados em figuras capazes de trazer à nossa consciência, que se quer transformadora, as eventuais desarmonias entre partidos e ideologias; entre as incoerências dos hábitos praticados sem pensar e das instituições desenhadas para trans-

formar o mundo? Afinal de contas, eis o que eu dizia: se exigimos uma politização do mundo, como deixar de fora os amigos, a casa, os parentes e os compadres? Se a coerência é impossível, não seria o caso de discutila e, assim, politizá-la no sentido mais produtivo dessa palavra?

Fiquei muito feliz descobrindo que muitos brasileiros geniais, ilustres e sábios, como Caetano Veloso e Oscar Niemeyer, vão votar em amigos. O arquiteto vai votar em Marco Maciel, um neoliberal que, para muitos, deveria queimar no inferno, porque, diz Niemeyer, “eu o conheço há muito tempo e ele é inteligente, discreto, honesto, honestíssimo”.

Haveria algum problema entre o desejo de mudar, permanecendo leal àqueles que “eu conheço”? A amizade suspende todos os juízos, leis e normas? Afinal, pelos amigos podemos fazer tudo. E se Judas, Stalin, Fidel, Chávez ou Hitler fossem meus amigos?

★★★

Eu acho que é preciso distinguir fraudes e fraldas. E essa distinção é o projeto mais básico no nosso momento político-eleitoral.

Visuais. Exposição



PRISCILA CALLEJARI/DIVULGAÇÃO

Biodiversidade. Calçados infantis produzidos com diferentes matérias-primas

Evandro Fadel | CURITIBA

O tema da sustentabilidade, que vem tomando conta do planeta nos últimos anos, é um dos principais enfoques da Bienal Brasileira de Design 2010, inaugurada ontem em Curitiba. “Essa é a grande questão dos nossos dias e queremos que a Bienal seja caixa de ressonância para apontar algum caminho”, disse a curadora-geral Adélia Borges. Além da mostra, seminários, fóruns e ações educativas serão desenvolvidos até 31 de outubro. E não faltarão produtos para serem vistos pelas 250 mil pessoas esperadas. A inovação começa pela realização de nove exposições espalhadas por locais diferentes da cidade. “A ideia é que nós cheguemos às pessoas e não elas a nós”, justifica Adélia. “Procuramos espaços em que as pessoas circulam normalmente.” Cartazes que tentam responder à pergunta “Sustentabilidade: e eu com isso?” são vistos no Parque Barigui e no Jardim Botânico. O Museu Oscar Niemeyer abriga produtos ligados às artes; a Universidade Positivo abre as portas para discussões; e o arquiteto Jaime Lerner apresenta a trajetória como urbanista, em exposição no Memorial de Curitiba.

Mas a principal mostra, que leva o nome do tema da bienal, Design, Inovação e Sustentabilidade, fica no pavilhão de exposições do Centro Integrado dos Empresários e dos Trabalhadores do Estado do Paraná (Cietep). São 250 produtos, escolhidos entre cerca de 800 que se inscreveram. “Não se trata apenas de material reciclável, mas há um olhar transversal que une o objeto a algumas ideias”, destacou a curadora. “O material usado, o processo pelo qual é feito e a atitude que gera foram analisa-

SOLUÇÕES PARA O MEIO AMBIENTE

A Bienal Brasileira de Design, na capital paranaense, exibe cerca de 250 obras sob o tema da sustentabilidade

dos no processo de seleção.”

O visitante passará por 12 núcleos temáticos que, às vezes, se interligam. São produtos nem sempre inéditos, mas que tentam despertar nos criadores e no visitante o respeito pelo meio ambiente. Menos é o título do primeiro. Ali estão objetos que utilizam normalmente apenas uma matéria-prima, com processo industrial simples e geram menos sobras. Há outros que podem ser dobrados e compactados quando não estão em uso, ocupando espaço reduzido.

Dize-me de Onde Vens é a proposta do segundo núcleo, onde estão objetos que carregam selos com certificados de origem. “É um atestado de bons antecedentes”, salienta Adélia. Na continuidade, o visitante é convidado a entrar no espaço Para uma Vida Melhor, projetado para produtos que contribuem na melhoria do convívio social, da saúde e segurança. Chamam a atenção um berço feito de polionda e cadeiras escolares de papelão, produtos leves e dobráveis. “Podem ser levados para qualquer lugar

ou serem usados em situações de emergências, como enchentes”, exemplifica a curadora.

“Originalidade” é o quarto núcleo. Podem ser vistos, por exemplo, cestos feitos de bagaço de cana ou de amido de batata, além de sofás com espumas de fibra de soja. Objetos que permitem maior mobilidade nas cidades, como a bicitáxi, adaptação de duas bicicletas em que o passageiro também pedala e já é usada na Ilha de Marajó, estão no núcleo Direito de Ir e Vir. Sacos plásticos transformados em

poltronas, resíduos de porcelanas ou embalagens, como enfeites, ganharam o espaço A Que Será Que se Destina.

Biodiversidade. No Prata de Casa estão produtos que valorizam a biodiversidade brasileira por serem fabricados com algodão orgânico, fibras vegetais, capins coloridos e muito bambu. “São produtos de vários Estados que levam a uma viagem pelo País”, disse Adélia Borges. Vitrine apresenta objetos que apelam diretamente ao espírito preservacionista com frases, formatos ou desenhos. Ao lado, Novas/Velhas Atitudes tenta mostrar que “o povo brasileiro é ecológico antes de a palavra ir para o dicionário”. Pisos que não impermeabilizam o solo estão expostos nesse núcleo.

Gota a Gota expõe produtos que permitem economia no uso de água, enquanto Liga-Desliga faz o mesmo em relação à ener-

gia elétrica. Por fim, Pertencimento procura valorizar as raízes do povo brasileiro. Releituras de sandálias de sertanejos, colchas de retalhos renascendo como enfeites, azulejos lembrando ícones da cinquentenária Brasília fazem parte da mostra. “É uma reflexão sobre a que pertencem, qual o meu lugar no mundo”, propõe a curadora.

Além dessa mostra, o Cietep também sediará uma exposição sentimental para alguns e histórica para outros, com produtos da antiga Móveis Cimo, fechada na década de 1970 após 50 anos de existência. No mesmo lugar, bienais anteriores terão a história contada e estudantes poderão mostrar as ideias para o futuro. Mantendo tradição de apresentar novidades internacionais, a Dinamarca estará presente com a mostra “It’s a Small World”, que estreou em Copenhague no fim de 2009 e já passou por Xangai, na China.

VITRINE



Originalidade. Estantes leves e dobráveis, contribuem com a melhoria do convívio social



Menos. Processo industrial simples gera poucas sobras



Mesa-escultura. Base com 8 pés e mãos permite diferentes acabamentos



Decoração. Sacos de lixo e embalagens viram enfeites

FOTOS BIENAL DE CURITIBA/DIVULGAÇÃO

TORBEN ESKEROD/DIVULGAÇÃO